

## A Palavra e a Oração como Meios de Graça

Hermisten Maia Pereira da Costa\*

### INTRODUÇÃO

A Escritura demonstra enfaticamente que a salvação não é um fim em si mesma, antes é o início da vida cristã, através da qual nos tornamos filhos de Deus e progredimos em santificação até a consumação de todo o propósito de Deus em nossa vida.

Devemos estar atentos para o fato de que a salvação (justificação, regeneração, união com Cristo) não é a linha de chegada da vida cristã; antes, é o ponto de partida de nossa maturidade cristã.<sup>1</sup>

Pedro declara que, segundo o poder de Deus “nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória” (2 Pe 1.3).

Em teologia denominamos essas “coisas que nos conduzem à piedade” *meios de graça* ou *meios de santificação*. Este é o tema do presente estudo, abordando mais especificamente a Palavra e a Oração como meios de graça.

#### I. Definição de Meios de Graça

De forma genérica, considerando que todas as coisas contribuem para o bem dos eleitos, pode-se dizer que todas as coisas — inclusive as aflições — se constituem em meios de graça para nós (Rm 8.28; Rm 5.2-3; Tg 1.2-3; 1 Pe 1.6-9).<sup>2</sup> No entanto, a expressão “*meios de graça*” tem um sentido mais restrito. Vejamos como ela é interpretada pelos *Símbolos de Westminster*, adotados pela Igreja Presbiteriana do Brasil.

No *Catecismo Menor de Westminster*, em resposta à pergunta 88<sup>3</sup> (“Quais são os meios exteriores e ordinários pelos quais Cristo nos comunica as bênçãos da redenção?”), lemos: “Os meios exteriores e ordinários pelos quais Cristo nos comunica as bênçãos são as suas ordenanças, especialmente a *Palavra*, os *sacramentos* e a *oração*, os quais todos se tornam eficazes aos eleitos para a salvação” (grifos meus).

Em outras palavras, pode-se afirmar que Deus, como “causa eficiente da salvação,”<sup>4</sup> é quem comunica, através dos “canais objetivos que Cristo instituiu na igreja,”<sup>5</sup> as bênçãos da salvação para o seu povo.

Charles Hodge (1797-1878) faz uma advertência importante:

Meio de graça não significa todos os instrumentos que Deus quer usar como meios para a edificação espiritual de seus filhos. Essa expressão é apropriada para indicar aquelas instituições que Deus ordenou como canais ordinários da graça, isto é, as influências sobrenaturais do Espírito Santo, para as almas dos homens.<sup>6</sup>

## II. A palavra como meio de graça

### **A. Os Símbolos de Westminster**

Como sabemos, a Bíblia não foi registrada apenas para o nosso deleite espiritual, mas para que cumpramos os seus preceitos, dados pelo próprio Deus (Dt 29.29; Js 1.8; 2 Tm 3.15,16; Tg 1.22). A Bíblia também não foi dada para satisfazer a nossa curiosidade pecaminosa (Dt 29.29), que em geral ocasiona especulações esdrúxulas e facções. Ela nos foi concedida para que conheçamos o seu Autor e, conhecendo, o adoremos e, adorando, mais o conheçamos (Os 6.3; 2 Pe 3.18). A Bíblia nos foi confiada a fim de que, mediante a iluminação do Espírito Santo, sejamos conduzidos a Jesus Cristo (Jo 5.39; Lc 24.27,44), sendo ele mesmo quem nos leva ao Pai (Jo 14.6-15; 1 Tm 2.5; 1 Pe 3.18) e nos dá vida abundante (Jo 10.10; Cl 3.4). Por isso, "ao estudarmos Deus, devemos procurar ser conduzidos a ele. A revelação nos foi dada com esse propósito e devemos usá-la com essa finalidade."<sup>7</sup>

Em seu Cap. I, a *Confissão de Westminster* (1647) coloca os seguintes pressupostos fundamentais:

O *Catecismo Menor*, falando sobre a Bíblia como meio de graça, diz "como a Palavra se torna eficaz para a salvação," descrevendo isso de forma *objetiva* e *subjetiva*: "Como se deve ler e ouvir a Palavra a fim de que se torne eficaz para a salvação."

O *Catecismo Menor de Westminster*, respondendo a perg. 89,<sup>8</sup> afirma:

"O Espírito de Deus torna a leitura, especialmente a pregação da Palavra, *meios eficazes para...*

- a. Convencer e converter o pecador,
  - b. O edificar em santidade e
  - c. O edificar em conforto
- por meio da fé para salvação.*

O mesmo Catecismo, em resposta à pergunta 90,<sup>9</sup> declara:

"Para que a Palavra se torne *eficaz para a salvação, devemos ouvi-la com...*

- a. Diligência,
- b. Preparação e
- c. Oração.

E recebê-la com....

- a. Fé e

b. Amor.

Guardá-la em nossos corações e

Praticá-la.

### ***B. O Crente e a Palavra***

Durante toda a história, a Palavra de Deus tem sido alvo dos mais diversos ataques, sendo o mais comum a suposição de sua falibilidade. No entanto, um ataque mais sutil que também permeou boa parte da história da Igreja é a concepção, ainda que muitas vezes velada, de que as Escrituras não são suficientes para nos dirigir e orientar.

Lutero (1483-1546) e Melancton (1497-1560) depararam-se explicitamente com esse problema bem no início da Reforma Protestante. Por volta de 1520, na pequena porém próspera e culta cidade alemã de Zwickau, surgiu um grupo de homens “iluminados” — chamados por Lutero de “profetas de Zwickau” —, que alegava ter revelações especiais vindas diretamente de Deus, entendendo ter sido chamado por Deus para “completar a Reforma.” A sua religião partia sempre de uma suposta revelação interior do Espírito. Acreditavam que o fim dos tempos estava próximo — os ímpios seriam exterminados —, e que por isso não era necessário estudar teologia visto que o Espírito estaria inspirando os pobres e ignorantes. Combatiam também o batismo infantil. Assim pensando, esses homens questionavam:

De que vale aderir assim tão estritamente à Bíblia? A Bíblia! Sempre a Bíblia! Poderá a Bíblia nos fazer sermão? Será suficiente para a nossa instrução? Se Deus tivesse tencionado ensinar-nos por meio de um livro não nos teria mandado do céu uma Bíblia? Somente pelo Espírito é que poderemos ser iluminados. O próprio Deus fala dentro de nós. Deus em pessoa nos revela aquilo que devemos fazer e aquilo que devemos pregar.<sup>10</sup>

Um certo alfaiate, Nicolás Storck, escolheu doze apóstolos e setenta e dois discípulos, declarando que finalmente tinham sido devolvidos à Igreja os profetas e apóstolos. Acompanhado de Marcos Stübner e Marcos Tomás, ele foi a Wittenberg (27/12/1521) — que já enfrentava tumultos liderados por Andreas B. von Carlstadt (c. 1477-1541) e Gabriel Zwilling (c. 1487-1558) — para pregar o que considerava ser a verdadeira religião cristã, contribuindo grandemente para a agitação daquela cidade. Stübner, antigo aluno de Wittenberg, justamente por ter melhor preparo foi comissionado para representá-los. Melancton, que conversou com Stübner, interveio na questão ainda que timidamente. Storck, mais inquieto, logo partiu de Wittenberg; Stübner, no entanto, permaneceu, realizando ali um intenso e eficaz trabalho proselitista — “era um momento crítico na história do cristianismo.”<sup>11</sup> Comentando os problemas suscitados pelos “espiritualistas,” o historiador D’Aubigné (1794-1872) conclui: “A Reforma tinha visto surgir do seu próprio seio um inimigo mais tremendo do que papas e imperadores. Ela estava à beira do abismo.”<sup>12</sup> Daí ouvir-se em Wittenberg o clamor pelo auxílio de Lutero. E Lutero, consciente da necessidade de sua volta, abandonou a segurança de Wartburgo e retornou a Wittenberg a fim de colocar a cidade em ordem (1522). Ele desempenhou essa tarefa

com firmeza e espírito pastoral. Mais tarde Lutero escreveria: "Onde, porém, não se anuncia a Palavra, ali a espiritualidade será deteriorada."<sup>13</sup>

Não nos iludamos, essa forma de misticismo ainda está presente na Igreja e tem sido extremamente perniciosa para o povo de Deus, acarretando desvios espirituais e teológicos, deslocando o "eixo hermenêutico" da Palavra para a experiência mística, afastando as pessoas da Palavra e, conseqüentemente, do Deus da Palavra. O trágico é que justamente aqueles que supõem desfrutar de maior "intimidade" com Deus são os que patrocinam o distanciamento da Palavra revelada de Deus. Davi enfatiza: "A intimidade do Senhor é para os que o temem, aos quais ele dará a conhecer a sua aliança" (Sl 25.14). Portanto, a nossa intimidade com Deus revela-se em nosso apego à sua Palavra, à sua aliança. Nesse salmo, Calvino faz uma aplicação bastante contextualizada: "...É uma ímpia e danosa invenção tentar privar o povo comum das Santas Escrituras, sob o pretexto de serem elas um mistério oculto, como se todos os que o temem de coração, seja qual for seu estado e condição em outros aspectos, não fossem expressamente chamados ao conhecimento da aliança de Deus."<sup>14</sup>

Somos herdeiros dos princípios bíblicos da Reforma; para nós, como para os reformadores, a Palavra de Deus é a revelação normativa de Deus para o pensar, o crer, o sentir e o agir: a Palavra de Deus é suficiente. Sob essa ótica então estudemos o assunto.

Retornemos ao Novo Testamento, quando Satanás tentou a Jesus durante os seus quarenta dias de jejum e oração no deserto, dizendo: "Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães" (Mt 4.3). Jesus Cristo, recorrendo ao Livro de Deuterônomo (8.3), respondeu: "Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus" (Mt 4.4). Essa afirmação torna-se ainda mais dramática se considerarmos o fato de que Jesus estava à beira da inanição, sendo induzido a pensar que caso não comesse imediatamente poderia morrer.

Não temos nessas palavras um contraste entre o espiritual e o físico. Antes, Cristo demonstra categoricamente que devemos ter em mente que o nosso sustento, em todos os sentidos, provém de Deus, da sua Palavra, que é o Verbo Criador.

As Escrituras apresentam a Palavra de Deus como sendo um instrumento do exercício do poder de Deus. O mundo foi criado pela sua Palavra (Gn 1) e é sustentado pela Palavra do poder de Cristo (Sl 33.6; Hb 1.3; 2 Pe 3.5).

Em nossa vida espiritual a realidade é a mesma. Somos sustentados pela Palavra de Deus. "A palavra de Deus é sempre um ato criador. Ao chamar-nos seus filhos, [Deus] faz que nos comportemos como filhos."<sup>15</sup> O mesmo Espírito que nos regenerou através da Palavra (Tg 1.18; 1 Pe 1.23) — "a semente de imortalidade"<sup>16</sup> — age mediante esta mesma Palavra, para que vivamos, de fato, como novas criaturas que somos. A Bíblia é o instrumento eficaz do Espírito porque ela foi inspirada pelo Espírito Santo (2 Pe 1.21).

Jesus orou ao Pai para que ele nos santificasse na verdade, que é a sua Palavra. Se quisermos crescer espiritualmente temos de recorrer à Palavra vivificadora de Cristo; somente ela pode nos tornar sábios para a salvação mediante a fé depositada unicamente em Jesus Cristo (2 Tm 3.15).

O Espírito que nos santifica age através da sua Palavra e em harmonia com ela; jamais

haverá contradição entre uma vida genuinamente santificada e a Palavra de Deus. Por isso, qualquer avaliação conscienciosa do significado da santificação deve ser feita à luz da Palavra de Deus.

Erasmus Sarcerius (1501-1559) observou que “quando a Palavra de Deus é negligenciada, a religião pura e verdadeira [desaba]. Quando ela [desaba] ninguém pode, nem será salvo.”<sup>17</sup> De fato, é impossível haver uma igreja bíblicamente viva sem que a Escritura seja o seu manual de ensino e prática.

A Palavra de Deus é viva e eficaz (Hb 4.12) e produz frutos (Cl 1.6; 1 Ts 2.13). Fomos salvos pela graça, mediante a fé, pela instrumentalidade da Palavra, que é o verbo criador de Deus (Rm 10.17; Ef 2.8; 2 Tm 3.15; Tg 1.21; Tg 1.18). Ela é a Lei de liberdade (Tg 1.25; 2.12).

O ministério terreno de Cristo consistiu, entre outras coisas, em transmitir a Palavra de Deus. Na oração sacerdotal ele confirma: “Eu lhes tenho dado a tua Palavra...” (Jo 17.14). E, nesta mesma oração, Jesus declara o que distingue o seu povo do mundo: receber — envolvendo o crer e o praticar — e transmitir a Palavra de Deus (Jo 17.6,8,14).

Paulo rende graças a Deus porque a mensagem do Evangelho foi recebida pelos tessalonicenses: “Outra razão ainda temos nós para incessantemente dar graças a Deus: é que, tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes não como palavra de homens e sim como, em verdade é, a palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes” (1 Ts 2.13).

Em forma de proposições, podemos realçar algumas lições bíblicas referentes à relação entre os crentes e a Bíblia:

#### 1. Devemos meditar nas Escrituras

Meditar na Palavra tem o sentido de considerá-la em nossas decisões, refletir acerca dos seus ensinamentos. A palavra “meditar” em sua origem latina significa, entre outras coisas, “preparar para a ação.” Desta forma, a meditação não é um fim em si mesma, mas visa conduzir o nosso agir e o nosso realizar.

Deus, orientando a Josué no comando do povo de Israel, admoesta: “Não cesses de falar deste livro da lei; antes medita nele dia e noite...” (Js 1.8). O salmista, descrevendo o comportamento dos justos, confessa: “...o seu prazer está na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite” (Sl 1.2). Narrando a sua prática prazerosa, ele proclama: “Meditarei nos teus preceitos, e às tuas veredas terei respeito” (Sl 119.15). “Quanto amo a tua lei! É a minha meditação todo o dia” (Sl 119.97; ver ainda Sl 119.27,48,78, 99,148). Calvino, comentando o Salmo 1, afirma: “... só são dignos estudantes da lei aqueles que se achegam a ela com uma mente disposta e se deleitam com suas instruções, não considerando nada mais desejável e delicioso do que extrair dela o genuíno progresso. Desse amor pela lei procede a constante *meditação* nela....”<sup>18</sup>

Por sua vez, Charles Hodge acertadamente registra que “não podemos fazer progresso na santidade a menos que empreguemos mais tempo lendo e ouvindo a Palavra de Deus, e

meditando sobre ela; pois é ela que é a verdade pela qual somos santificados.”<sup>19</sup>

## 2. Devemos Guardá-la no Coração

O salmista Davi expressa o seu contentamento: “Agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro em meu coração está a tua lei” (Sl 40.8). Salomão exorta: “Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida” (Pv 4.23; Is 51.7).

Mas, o que a Bíblia, especialmente o Antigo Testamento, estará querendo dizer ao referir-se ao coração?

Recorro aqui à observação de Wolff de que “as atividades essenciais do coração humano na Bíblia são de natureza espiritual-psíquica.”<sup>20</sup> Mas, o que significa isso?

O coração denota a personalidade integral do homem — envolvendo geralmente a emoção, o pensamento e a vontade. Qualquer tentativa de estabelecer uma distinção entre o “coração” e a “razão” do homem, na psicologia do Antigo Testamento é destituída de fundamentação bíblica.

O coração, que na linguagem veterotestamentária é usado de forma efetiva referindo-se ao homem todo, traz consigo o sentido de responsabilidade, visto que somente o homem age conscientemente.<sup>21</sup> Por isso, Deus exige de seus servos integridade de coração, sendo responsáveis diante dele por suas palavras e atos.

Banwell argumenta que

os hebreus pensavam em termos de experiência subjetiva, e não com observações objetivas e científicas, e assim evitavam o erro moderno de departamentização excessiva. Era essencialmente o homem inteiro, com todo os seus atributos físicos, intelectuais e psicológicos, de que se ocupava o pensamento hebreu, onde o coração era concebido como o centro governador de todos esses aspectos.<sup>22</sup>

Muitas vezes somos levados a considerar a existência dos homens bíblicos de forma demasiadamente romântica, como se a vida dos mesmos fosse determinada prioritariamente pelo sentimento, em detrimento da razão. Isto se deve, em parte, ao emprego sistemático da palavra “coração” na Bíblia — máxime no Antigo Testamento —, sugerindo ao leitor menos atento a idéia de que “coração” refere-se unicamente às emoções. Na realidade, as palavras hebraicas *lêv* (601 vezes no Antigo Testamento) e *lêváv* (252 vezes) têm uma gama de sentidos mais extensa do que esta, apontando mais propriamente para “o homem essencial;”<sup>23</sup> o homem todo, em contraste com a sua aparência exterior, que é alvo dos juízos mais açodados (1 Sm 16.7).

É do coração que procedem as fontes da vida. As grandes maquinações destrutivas surgem no coração. Um homem tocado em seu brio, sedento de poder e dinheiro, é capaz de idealizar crimes dos mais horrendos e nefandos. Por outro lado, é do coração que brotam os ideais mais nobres vivenciados pelos seres humanos, dos quais a história está repleta: Paulo, Policarpo, Lutero, Knox, Simonton, Gandhi, Schweitzer, entre tantos

outros.

Deus deseja que o amemos e o busquemos com integridade de coração (Dt 4.29; 6.5; 1 Sm 7.3; Sl 9.1; Os 7.14); no coração está a fonte da reverência a Deus, com a qual devemos servi-lo (Jr 32.40; 1 Sm 12.20,24; 1 Rs 8.23); e nesse proceder há verdadeira alegria no coração (1 Cr 16.10). Deus escolheu a Davi, que era segundo o seu coração - *ish kílvavô* (1 Sm 13.14; At 13.22) e prometeu dar a Judá "pastores segundo o meu coração, que vos apascentem com conhecimento e com inteligência" (Jr 3.15). Deus deseja um coração circuncidado (Dt 10.16; 30.6; Jr 4.4; Jl 2.13), cuja prática ritual seja um reflexo de sua integridade interior. A desobediência é dita como própria de um coração incircunciso (Lv 26.41; Dt 10.16; Is 29.13; Mt 15.7-8), coração de pedra (Ez 11.19), duro como um diamante (Zc 7.12).

Deus pede o nosso coração: "Dá-me, filho meu, o teu coração, e os teus olhos se agradem dos meus caminhos" (Pv 23.26; ver 1 Rs 8.23). Observem que há uma relação determinante: quando o nosso coração é confiado a Deus, nós nos agradamos dos seus caminhos, da sua Palavra. "Agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro em meu coração está a tua lei," declara Davi (Sl 40.8).

Deus deseja o homem todo: não apenas os seus sentimentos, ou vontade ou razão, mas o homem completo, em sua inteireza; a palavra "coração" é empregada para refletir esta integridade, a sede de seus afetos religiosos.

A Palavra de Deus nos diz que ele transforma o nosso coração: "Dar-vos-ei coração novo, e porei dentro em vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro em vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis" (Ez 36.26, 27), inscrevendo a sua Lei nele (Jr 31.33). A nossa conversão dá-se no coração (1 Rs 8.47; Sl 51.10,17-19; Jr 24.7; Ez 11.19; Jl 2.12). Por isso, o crente sincero pede a Deus que sonde o seu coração (Sl 139.23) e o purifique (Sl 51.10). No coração temos a sede da fé (Sl 28.7; 112.7; Pv 3.5) e da renovação espiritual (Dt 30.6; Sl 51.10; Jr 31.33; Ez 36.26).<sup>24</sup>

Deus convida que nos voltemos para ele com o coração íntegro: "... Converti-vos a mim de todo o vosso coração..." (Jl 2.12).

A Palavra de Deus deve ser guardada em nosso coração — o centro de nosso pensamento, emoções e decisões — a fim de que todo o nosso procedimento esteja em conformidade com os preceitos de Deus. A Palavra de Deus, meditada e guardada no coração, é preventiva contra o pecado: "Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti" (Sl 119.11; ver Sl 37.31; 119.2,57,69; Pv 2.10-12). O verbo "guardar" no salmo citado [*tsáfan* = "esconder", "ocultar", "entesourar", "armazenar"], tem o sentido de guardar com atenção, levando em consideração no agir (ver o uso no sentido negativo: Sl 10.8; 56.6; Pv 1.11,18); esconder algo considerado precioso ou importante a ponto de arriscar a própria vida para poder ocultá-lo (Ex 2.2-3; Js 2.4). Deus também nos "esconde," nos "protege" dos inimigos (Sl 27.5; 31.19, 20; 83.3). O verbo pode referir-se ainda a algo precioso para alguém (Ct 7.13), tendo sempre em vista algum propósito. Portanto, guardar a Palavra no coração significa considerá-la em todo o nosso

ser, sendo ela a norteadora do nosso sentir, pensar, falar e agir; o lugar da Palavra deve ser sempre o cerne essencial do homem. A Palavra é guardada em nosso coração quando está presente continuamente, não meramente como um preceito exterior, mas sim como um poder interno motivador, que se opõe ao nosso pensar e agir egoístas.<sup>25</sup>

A tônica aqui é a de receber e guardar toda a Palavra, visto ser toda ela inspirada por Deus (2 Tm 3.16), não apenas partes que circunstancialmente podem ser úteis para interesses duvidosos. Portanto, toda a Palavra de Deus é um tesouro precioso para o servo de Deus.

Deus mesmo manda que guardemos a sua Palavra dentro de nós (Pv 2.1; 7.1 - *tsáfan*; ver Dt 8.11; Sl 119.16; Pv 3.1), e os sábios "entesouram (*tsáfan*) conhecimento" (Pv 10.14), enquanto que o tesouro dos ímpios limita-se a esta vida (Sl 17.14 / 1 Co 15.19), que é breve (Jó 15.20).

No Novo Testamento, Paulo recomenda à igreja de Colossos: "Habite ricamente em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos e hinos e cânticos espirituais, com gratidão em vossos corações" (Cl 3.16).

O salmista Davi roga em sua oração: "Ensina-me, Senhor, o teu caminho, e andarei na tua verdade; dispõe-me o coração para só temer o teu nome" (Sl 86.11). Aquele que entrega o seu coração a Deus (Pv 4.23; 23.26), entregou na realidade não apenas um "órgão" ou parte do seu ser, mas toda a sua vida; quem assim procede é continuamente ensinado por Deus. Aquele que é o seu Senhor, é senhor do seu coração.

Portanto, orar "seja feita a tua vontade" significa pedir a Deus que por sua misericórdia nos dê a compreensão da sua Palavra, considerando-a em todos os nossos caminhos, tornando-a o centro orientador de nosso pensar, sentir, desejar, falar e agir; em suma, o centro de nossa vida integral.

### 3. Devemos Praticá-la

A meditação é o prelúdio da ação. A Palavra nos foi dada, conforme nos ensinam as Escrituras, para que a cumpramos.

O que Deus nos revelou e fez registrar nas Escrituras tem este objetivo expresso: "As coisas encobertas pertencem ao Senhor nosso Deus; porém as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei" (Dt 29.29).

Deus ordenou a Josué quando este começou a liderar o povo de Israel: "Não cesses de falar deste livro da lei; antes medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo a tudo quanto nele está escrito; então farás prosperar o teu caminho e serás bem sucedido" (Js 1.8).

O Salmista, inspirado por Deus, escreve: "Tu ordenaste os teus mandamentos, para que os cumpramos à risca" (Sl 119.4; ver ainda Sl 119.8,51,106,167). Portanto, "a Bíblia não foi dada para satisfazer a vã curiosidade, mas para edificar nossas almas."<sup>26</sup>

Desta forma, não basta ouvir e meditar; estes devem ser passos que conduzem à prática;



devemos treinar os pés na vereda da justiça. A obediência a Deus deve ser exercitada diariamente (Sl 17.4-5; Sl 119.1; ver também Dt 30.14; Rm 2.13; Tg 1.22-25).

Notemos que este praticar percorre muitas vezes o caminho de uma análise introspectiva, através da qual vemos o nosso comportamento e o avaliamos a partir da Palavra, para que pela misericórdia de Deus possamos corrigi-lo: "Considero os meus caminhos e volto os meus passos para os teus testemunhos" (Sl 119.59).

A prática da Palavra de Deus nos leva invariavelmente à satisfação de poder cumpri-la. Mais uma vez citamos o testemunho de Davi: "Agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro em meu coração está a tua lei" (Sl 40.8). O prazer do salmista em praticar a Palavra era precedido pelo guardar a Lei de Deus no coração. Isto nos reporta ao que vimos acima, que a meditação precede a ação e o meditar deve levar à sedimentação do que aprendemos. O Espírito age dirigindo os nossos pés pela vereda da verdade, fazendo com que, educados por ele, adquiramos novos hábitos, nova perspectiva através da prática da verdade.

Nós só poderemos nos alegrar nas veredas da justiça se tivermos os nossos corações educados na compreensão e prática da Palavra de Deus. O salmista ora tendo isso em vista: "Dá-me entendimento, e guardarei a tua lei; de todo o coração a cumprirei" (Sl 119.24; 119.18). Calvino, estava corretamente convencido de que ninguém pode "provar sequer o mais leve gosto da reta e sã doutrina, a não ser aquele que se haja feito discípulo da Escritura."<sup>27</sup>

#### 4. Devemos nos alegrar com a instrução do Senhor

A certeza de que Deus nos instrui através da sua Palavra deve nos encher de alegria, sabendo que temos um caminho seguro a seguir. O ensino de Deus revela o seu cuidado para conosco; por isso, diversas vezes, as Escrituras referem-se àqueles que foram instruídos por Deus como sendo bem-aventurados, felizes: "Bem-aventurado, o homem, Senhor, a quem tu repreendes, a quem ensinas a tua lei" (Sl 94.12).

Pelo mesmo motivo, encontramos o salmista pedindo insistentemente a Deus que lhe ensine os seus "decretos" (Sl 119.26,33,64,68,124,135,171); a sua "lei" (Sl 119.34); os seus "mandamentos" (Sl 119.73); os seus "preceitos" (Sl 94.12; Sl 119.27); os seus "juízos" (Sl 119.102,108); os seus "testemunhos" (Sl 119.125,144).

O desejo de conhecer a Lei de Deus para praticá-la, bem como a certeza da soberania de Deus em auto-revelar-se, é bem resumido pela conhecida oração do salmista: "Desvenda os meus olhos para que eu contemple as maravilhas da tua lei" (Sl 119.18).

É nesse sentido que os salmistas, em momentos diferentes, revelam a sua alegria e prazer na Palavra de Deus: o justo tem prazer na lei do Senhor (Sl 1.2), sendo bem-aventurado o homem que se compraz nos mandamentos de Deus (Sl 112.1). A Palavra de Deus é o lenitivo para o coração dorido; ela não nos enche de vãs esperanças, antes, nos mostra o caminho de Deus, a esperança que irradia do Senhor da esperança: "Não fosse a tua lei ter sido o meu prazer, há muito já teria eu perecido na minha angústia" (Sl 119.92; ver ainda Sl 119.143; Sl 19.8; 119.16,35,54,70,77,111,174).<sup>28</sup>

#### 5. Devemos Esperar Nela

Essa esperança na Palavra, que contribui decisivamente para o nosso amadurecimento e fortalecimento espiritual, traz consigo alguns pressupostos:

a. Crer na Palavra

Para que possamos de fato esperar confiantes na Palavra de Deus, precisamos primeiramente recebê-la como tal. Creio que aqui está um dos problemas vitais da igreja em todos os tempos. Com isto não estou dizendo que a Igreja através da história tenha negado de forma confessional a Palavra de Deus. Antes, o que estamos declarando é que a Igreja tem negado a Palavra de Deus de forma existencial e vivencial. Essa recusa prática tem se caracterizado, como já observamos, na não consideração dos preceitos de Deus em seu caminho. Crer na Palavra significa recebê-la como fundamento e norma do comportamento. Todas as vezes que desconsideramos as Escrituras em nossas decisões, estamos, na realidade, negando a eficácia das promessas de Deus, demonstrando não tê-la recebido como Palavra autorizada de Deus.

Paulo observa que os efésios e os tessalonicenses haviam crido e recebido de modo correto a Palavra ensinada, o Evangelho, como Palavra de Deus. Paulo prossegue: "...Vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa" (Ef 1.13). "Outra razão ainda temos nós para, incessantemente, dar graças a Deus: é que, tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes [*dechomai* = "receber"] não como palavra de homens, e sim como, em verdade é, a palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes" (1 Ts 2.13). Neste texto, o tempo verbal de "acolher" (indicativo aoristo) significa uma ação realizada no passado. Os tessalonicenses revelavam no seu dia-a-dia terem "acolhido" e "recebido" o "Evangelho" definitivamente como Palavra de Deus. A aceitação do Evangelho sempre traz frutos (1 Ts 2.14).

b. Crer perseverantemente

Outro grande desafio é crer na Palavra e continuar crendo quando as promessas de Deus parecem, diante de nossos olhos incrédulos, ter falhado; quando o nosso contexto parecer indicar que a "justiça" de Deus nos conduz ao fracasso e os nossos meios são mais eficazes. Esperar na Palavra significa permanecer confiante apesar das adversidades e da resposta que o mundo dá às nossas inquietações, apresentando soluções aparentemente finais para os nossos problemas.

Encontramos o testemunho do salmista referente a essas experiências: "Alegraram-se os que te temem quando me viram, porque na tua Palavra tenho esperado" (Sl 119.74; ver Sl 119.81,114).

c. Perseverar alegremente

O esperar na Palavra de Deus não quer dizer aguardar a promessa de Deus com um ar de pessimismo e tristeza, como se não houvesse outra escolha. O salmista nos diz que esperava confiante. Ele revela que as suas meditações e orações durante a madrugada e ao entardecer, se inspiravam na sua confiança na Palavra de Deus: "Antecipo o alvorecer do dia e clamo; na tua palavra espero confiante. Os meus olhos antecipam as vigílias noturnas, para que eu medite nas tuas palavras" (Sl 119.147,148).

Esta confiança na Palavra também não significa simplesmente esperar numa letra morta,

ou numa promessa de homens, mas sim na Palavra que é de Deus: "Aguardo o Senhor, a minha alma o aguarda; eu espero na sua palavra" (Sl 130.5). Notemos que toda essa esperança está enraizada no fato de que conhecemos o nosso Deus — o Senhor da promessa. Confiar e aguardar na Palavra é confiar e aguardar no Senhor que é o Autor da Promessa.

Quando oramos "seja feita a tua vontade" estamos declarando a Deus a nossa fé nas suas promessas e, ao mesmo tempo, rogando que ele nos capacite a viver segundo essa fé, que ele mesmo produziu em nossos corações. Assim, podemos dizer como o salmista: "Esperei confiantemente pelo Senhor; ele se inclinou para mim e me ouviu quando clamei por socorro" (Sl 40.1). Esperemos confiantemente em Deus conforme a sua vontade.

## 6. Proclamá-la

A Igreja é uma comunidade constituída por todos aqueles que, pelo dom da fé, atenderam ao convite gracioso de Deus feito através da Palavra. Este convite envolveu o nosso arrependimento e fé, o abandono do pecado e um caminhar seguro em direção a Deus, confiado unicamente nas suas promessas.

Conforme já comentamos anteriormente, desde a Reforma a "genuína pregação do Evangelho" tem sido identificada como uma das marcas da Igreja. Deste modo, a pregação não é algo que a Igreja possa optar entre fazer ou não fazer. Por outro lado, devemos enfatizar que a proclamação não é simplesmente a missão da Igreja; é mais do que isso. A pregação é essencial à sua própria existência. Por isso, a Igreja, desejosa de fazer a vontade de Deus, cumpre de forma natural aquilo que caracteriza o seu ser; que diz respeito à razão da sua existência. Assim, a Igreja vive na concretização do propósito de Deus, anunciando as virtudes de Deus, o Evangelho da graça, para que através da Palavra Deus cumpra todo o seu propósito de justiça e misericórdia em todos os homens.

A Igreja se revela no ato proclamador. Ela não é a mensagem, mas, na sua existência, demonstra o poder daquilo que ela testemunha, visto ser, a Igreja, o monumento da graça e misericórdia de Deus, constituído a partir da sua Palavra criadora. É justamente por isso que "a pregação é uma tarefa que somente ela pode realizar."<sup>29</sup>

A Igreja é uma testemunha comissionada pelo próprio Deus para testemunhar os seus atos gloriosos e salvadores. Assim, a sua mensagem não foi recebida de terceiros, mas, sim, diretamente de Deus, através da Palavra do Espírito, registrada nas Sagradas Escrituras. A Igreja declara ao mundo o "Evangelho do Reino," visto e experimentado por ela em seu cotidiano. O testemunho da Igreja é resultado de uma experiência pessoal. O Espírito dá testemunho do Filho porque procede do Pai e do Filho (Jo 14.26; 15.26; Gl 4.6); nós damos testemunho do Pai, do Filho e do Espírito, porque os conhecemos e temos o Espírito em nós (Jo 15.26,27; 14.23; Rm 8.9).

Calvino, comentando Gálatas 4.26, esclarece: "... A Igreja enche o mundo todo e é peregrina sobre a terra. (...) Ela tem sua origem na graça celestial. Pois os filhos de Deus nascem, não da carne e do sangue, mas pelo poder do Espírito." E continua: "Eis a razão por que a Igreja é chamada a mãe dos crentes. E, indubitavelmente, aquele que se recusa a ser filho da Igreja debalde deseja ter a Deus como seu Pai. Pois é somente através do ministério da Igreja que Deus gera filhos para si e os educa até que atravessem a adolescência e alcancem a maturidade."<sup>30</sup> A peregrinação da Igreja tem um sentido *missionário*: "até os confins da terra," e *escatológico*: "até a consumação do século." Enquanto ela caminha, confronta os homens com a mensagem do Evangelho,

conclamando todos ao arrependimento e fé em Cristo Jesus até que ele volte.

A Igreja tem, com muita freqüência, se distanciado daquilo que a caracteriza: o culto a Deus e a pregação da Palavra. Ela tem feito discursos políticos, sociais, ecológicos, etc; todavia, tem se esquecido desta parte de sua prioridade essencial: pregar a Palavra. Com isto não estamos defendendo um total distanciamento da Igreja do que ocorre na história; pelo contrário, a Igreja deve agir de forma evidente na história, só que ela age de forma eficaz não com discursos rotineiros a respeito da pobreza, da violência, do desmatamento, mas sim, na proclamação do Evangelho de Cristo, que é o poder de Deus para a transformação de todos os homens (Rm 1.16-17).<sup>31</sup>

Paulo insiste com Timóteo acerca da responsabilidade da pregação fiel (2 Tm 4.2-5). Quanto a nós, que estamos desejosos de fazer a vontade de Deus, de crescer em santidade diante de nosso Senhor, devemos proclamar a Palavra através de nossa palavra e vida. Devemos também nos aplicar no estudo das Escrituras e, conforme já analisamos, na meditação da Palavra em oração. Paulo recomenda a Timóteo: "Procura apresentar-te a Deus, aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade" (2 Tm 2.15).

O Espírito capacita a Igreja a cumprir o que Jesus lhe ordenou. Isto ele faz concedendo-lhe poder (At 1.8; 4.8-13,31). O texto de Atos 1.8 resume bem o conteúdo do Livro de Atos: a Igreja testemunhando no poder do Espírito de Jesus (At 16.7). "O poder do Espírito Santo é a sua capacidade de ligar os homens ao Cristo ressurreto de tal maneira que sejam capacitados a representá-lo. Não há bênção mais sublime."<sup>32</sup> Como bem observa Stott, do mesmo modo que o Espírito veio sobre Jesus equipando-o para o seu ministério público, o Espírito deveria vir sobre o seu povo capacitando-o para o seu serviço. Por isso que, "sem o poder do Espírito Santo a evangelização é impossível."<sup>33</sup> No Pentecoste se concretiza historicamente a capacitação da Igreja para a sua missão no mundo; o Pentecoste revela o caráter missionário da Igreja, tornando cada crente uma testemunha de Cristo. "Pentecoste significa evangelismo."<sup>34</sup>

### III. A oração como meio de graça

#### A. Os Catecismos de Westminster

Tratando da oração, o *Catecismo Maior* ensina em resposta à perg. 178:<sup>35</sup>

"Oração é um oferecimento de nossos desejos a Deus....

- a. Em nome de Cristo;
- b. Com auxílio de seu Espírito;
- c. Com a confissão de nossos pecados;
- d. Com um grato reconhecimento de suas misericórdias.

O *Catecismo Menor* ensina, em resposta às pergs. 100, 105-107, que devemos aproximar-nos de Deus com:

- a. Espírito fraterno; daí orarmos: "Pai Nosso" (100);
- b. Santa reverência, reconhecendo ser Deus o Rei Glorioso e Todo-Poderoso (100,107);
- c. Santa confiança, decorrente de nossa filiação em Cristo (100,107);
- d. Consciente de nossos pecados, com o coração arrependido (105);
- e. Consciente de nossa debilidade real e potencial (106).

Sobre o que suplicar, o *Catecismo Menor de Westminster* aponta:

- a. Intercessão pelo nosso próximo (100);
- b. Que Deus nos habilite a glorificá-lo em tudo aquilo que nos é ensinado na Palavra (101/1,46,47);
- c. A promoção do Reino da graça até a manifestação completa do Reino da glória (102);
- d. O discernimento da Palavra de Deus e submissão a ela (103);
- e. O sustento suficiente para esta vida, reconhecendo nele a bênção de Deus (104);
- f. Perdão dos nossos pecados por amor de Cristo (105);
- g. A graça capacitante para perdoar (105);
- h. A preservação e sustentação *na* e *da* tentação (106).

#### B. O Espírito como Mestre da Oração

O conhecimento de Deus e da sua Palavra não visa satisfazer a nossa curiosidade pecaminosa, mas sim conduzir-nos a ele em adoração e louvor: "O conhecimento de Deus não está posto em fria especulação, mas lhe traz consigo o culto,"<sup>36</sup> que é o objetivo máximo de nossa existência. "A função peculiar do Espírito Santo consiste em gravar a Lei de Deus em nossos corações."<sup>37</sup> É o Espírito quem nos ensina através das Escrituras.<sup>38</sup> Esta é "a escola do Espírito Santo,"<sup>39</sup> e o Espírito é "o melhor mestre,"<sup>40</sup> o "Mestre interior."<sup>41</sup> O Espírito também é o nosso mestre na oração.

Agostinho (354-430), comentando o Salmo 102.2, faz uma paráfrase: "Escuta-me prontamente, pois peço aquilo que queres dar. Não peço como um homem terreno bens

terrenos, mas já redimido do primeiro cativo, desejo o reino dos céus."<sup>42</sup>

Paulo, discorrendo sobre a fraqueza humana, a exemplifica na vida cristã no fato de nem ao menos sabermos orar como convém (Rm 8.26-27). Por isso o Espírito que em nós habita nos auxilia em nossas orações, fazendo-nos pedir o que convém, capacitando-nos a rogar de acordo com a vontade de Deus. A oração eficaz é aquela que tem o Espírito como seu autor. Sem o auxílio do Espírito jamais oraríamos com discernimento. Calvino, analisando o fato de que pedimos tantas coisas erradas a Deus e que, se ele nos concedesse o que solicitamos, traria muitos males sobre nós, reforça: "Não podemos nem sequer abrir a boca diante de Deus sem grande perigo para nós, a não ser que o Espírito Santo nos guie à forma devida de orar."<sup>43</sup> A oração genuína é sempre precedida do senso de necessidade e de uma fé autêntica nas promessas de Deus.

Graças a Deus porque todos nós, em Cristo, temos o Espírito de oração (Zc 12.10), porque sem ele jamais poderíamos orar de modo aceitável ao Pai.

Muitas vezes estamos tão confusos diante das opções que temos que não sabemos nem mesmo como apresentar os nossos desejos e as nossas dúvidas diante de Deus. Todavia, o Espírito nos socorre. Ele "ora a nosso favor quando nós mesmos deveríamos ter orado, porém não sabíamos pelo que orar."<sup>44</sup>

Orar como convém é orar segundo a vontade de Deus, colocando os nossos desejos em harmonia com o santo propósito de Deus; isto só é possível pelo Espírito de Deus que se conhece perfeitamente (1 Co 2.10-12). Assim, toda oração genuína ocorre sob a orientação e direção do Espírito (Ef 6.18; Jd 20).<sup>45</sup>

O Espírito ora conosco e por nós. Ele, bem como Cristo, em esferas diferentes, intercede por nós: "Cristo intercede por nós no *céu*, e o Espírito Santo na *terra*. Cristo nosso Santo Cabeça, estando *ausente* de nós, intercede *fora* de nós; o Espírito Santo nosso Consolador intercede *em nosso próprio coração* quando ele o santifica como seu templo," contrasta Abraham Kuyper (1837-1920).<sup>46</sup>

A intercessão de Cristo respalda-se nos seus merecimentos, obtendo para os eleitos os frutos da sua obra expiatória (Rm 8.34; Hb 7. 25; 1 Jo 2.1). O Espírito intercede por nós considerando as nossas necessidades vitais e costumeiramente imperceptíveis aos nossos próprios olhos.

Calvino observou que na oração "a língua nem sempre é necessária, mas a oração verdadeira não pode carecer de inteligência e de afeto de ânimo,"<sup>47</sup> a saber, "primeiro, que sintamos nossa pobreza e miséria, e que este sentimento gere dor e angústia em nosso ânimo. Segundo, que estejamos inflamados com um veemente e verdadeiro desejo de alcançar misericórdia de Deus, e que este desejo acenda em nós o ardor de orar."<sup>48</sup>

Philipp J. Spener (1635-1705), falando sobre a oração, segue uma linha semelhante: "Não é suficiente que se ore exteriormente, com a boca, pois a oração verdadeira e mais necessária acontece no nosso ser interior, podendo expressar-se em palavras ou permanecer na alma, mas, de qualquer maneira, lá acha e encontra Deus."<sup>49</sup>

O Espírito que procede do Pai e do Filho é quem nos guia em nossas orações, fazendo-nos orar corretamente ao Pai. De fato, Deus propiciou para nós todos os elementos

fundamentais para a nossa santificação (2 Pe 1.3). A ação do Espírito aponta nesta direção, indicando também que as nossas orações são "imperfeitas, imaturas, e insuficientes"; por isso ele nos auxilia, ensinando-nos a orar como convém.

A presença e direção do Espírito na vida do povo de Deus é uma realidade. Desconsiderar este fato significa desprezar o registro bíblico e o testemunho do Espírito em nós (Rm 8.16).

O Espírito em nós é uma fonte de consolo e estímulo à perseverança e obediência devida a Deus. Consideremos este fato — à luz da Palavra e da nossa experiência — em todos os nossos caminhos, e o Espírito mesmo nos iluminará.

### C. Princípios Bíblicos para a Oração

A Palavra de Deus insiste conosco quanto à necessidade que temos de orar, já que a oração foi instituída e é ensinada por Deus por nossa causa, para o nosso bem, não por alguma carência no ser de Deus. Aliás, os preceitos de Deus não visam simplesmente satisfazê-lo, mas, sim, propor caminhos para o homem, seguindo os quais este será feliz e Deus será glorificado. Deus é glorificado através da obediência do seu povo e somente assim o homem pode encontrar o sentido da vida e da eternidade. "Deus só é corretamente servido quando sua lei for obedecida."<sup>50</sup>

Aliás, qual cristão não teria algo a dizer a respeito da graça da oração, do seu significado para a sua vida cotidiana, do conforto que pôde usufruir em momentos de angústia e tensão? A oração é um dos maiores privilégios que Deus nos concede, visando a nossa edificação, conforto, alívio e, principalmente, como veículo de expressão de nossa adoração e gratidão ao Pai celestial.

No Novo Testamento Jesus Cristo enfatizou a necessidade de os seus discípulos orarem, sendo ele mesmo um modelo de oração para todos os crentes. Todavia, deve ser ressaltado que Jesus não exercitava a oração apenas para ser um exemplo para nós; antes "a oração foi, em algum sentido misterioso, uma parte necessária de sua vida ministerial."<sup>51</sup>

No texto de Mateus 6.5-15, Jesus combate algumas práticas erradas de oração e apresenta princípios que devem nortear a oração cristã. Como a Bíblia — a Palavra de Deus — é o nosso manual de oração, precisamos aprender com ela como devemos orar, através dos ensinamentos de Cristo.<sup>52</sup> A oração do Senhor constitui-se num modelo de oração para toda a Igreja em todos os tempos. Através de seu estudo podemos, mediante a iluminação do Espírito Santo, aprender uma série de princípios e orientações que devem nos guiar na escola da oração. Devemos considerar também que Deus deseja que oremos com intensidade e integridade, não permitindo que as distrações de nossa mente nos afastem desse santo propósito.<sup>53</sup>

Na *Oração do Senhor* — "que é a oração representativa de todas"<sup>54</sup> —, encontramos uma "fórmula," um "roteiro," no qual o Senhor Jesus "nos propôs tudo quanto dele é lícito buscar, tudo quanto conduz ao nosso benefício, tudo quanto é necessário suplicar," resume Calvino.<sup>55</sup> Ocorre que, na prática, esse privilégio só pode ser exercitado após termos aprendido, de forma vivencial, que tudo de que temos necessidade está em Deus.<sup>56</sup> A oração deve ser:

## 1. Dirigida ao Pai (Mt 6.6,9)

A Palavra de Deus ensina que a nossa oração deve ser dirigida ao Pai. Em nossas orações devemos aprender logo de início que estamos falando com o nosso Pai. O nosso Deus é um Pai de quem podemos nos aproximar com amor confiante, certos de que ele está atento ao nosso clamor. "O Pai está sempre à disposição de seus filhos e nunca está preocupado demais que não possa ouvir o que eles têm a dizer. Esta é a base da oração cristã."<sup>57</sup>

O conhecimento que temos do Deus Pai nos é revelado por Cristo; por sua graça o conhecemos. Jesus declara: "Ninguém conhece o Filho senão o Pai; e ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar" (Mt 11.27). Falamos com o Pai — não com um estranho —, a quem conhecemos pela graça.

Aqui há algo extremamente relevante que deve ser mencionado. A paternidade de Deus sobre Israel é claramente reconhecida pelo povo do Antigo Testamento (Dt 32.6; Sl 103.13,14; Jr 31.9,20; Ml 2.10); a idéia está sempre presente nas páginas do Antigo Testamento. Apesar desse substantivo ser usado mais de 1200 vezes ali,<sup>58</sup> só ocorre 14 vezes referindo-se a Deus. Todavia, nestes casos, é sempre empregado de forma reveladora.<sup>59</sup> Curiosamente, os sumérios, cerca de três mil anos antes de Cristo, já se referiam ao seu deus como um pai.<sup>60</sup>

A paternidade de Deus descrita no Antigo Testamento é exclusiva: Deus é Pai de Israel (Dt 7.6-8; 14.2; Is 63.15,16; 64.8) e esta paternidade encontra o seu fundamento num ato histórico e singular: o êxodo do Egito.<sup>61</sup>

Apesar de os judeus não usarem com freqüência o título pai para Deus, estavam convictos desta realidade: Deus é pai de Israel. Entretanto, o que mais chama a atenção é o fato de não ser encontrado no judaísmo nenhum exemplo convincente da utilização da expressão "meu pai" para Deus.<sup>62</sup> Os judeus podiam dirigir-se a Deus, liturgicamente, como *'avi* ("Meu Pai"), mas nunca empregariam a forma familiar *'abba*<sup>63</sup> (em grego *abba*), que soaria desrespeitosa.

Agostinho resume a questão, dizendo:

...Quem quer que leia a Sagrada Escritura poderá encontrar tais louvores de modo variado e extenso. Entretanto, em parte alguma encontra-se algum preceito ordenando ao povo de Israel que se dirigisse a Deus como Pai e o invocasse como Pai nosso.<sup>64</sup>

Portanto, o surpreendente para o judeu foi o fato de Jesus referir-se ao Pai de uma forma nunca vista, jamais praticada. Acontece que Jesus em suas orações não usava de um artifício para criar impacto ou para presumir, diante de seus ouvintes, ter uma relação inexistente com o Pai. Não. Jesus apenas revelou o fato do seu relacionamento íntimo e especial com o Pai. Isto ele fez usando a expressão aramaica *'abba*, que foi tomada por empréstimo do linguajar das crianças, equivalendo mais ou menos ao nosso "papai" ou "paizinho." O *Talmud* diz que "quando uma criança saboreia o trigo (isto é, quando é desmamada), aprende a dizer 'abba' e 'imma' (papai e mamãe)."<sup>65</sup> Com o passar do tempo o uso dessa expressão também tornou-se comum entre os jovens e adultos para



se referirem aos seus pais.<sup>66</sup>

Abba era um designativo tão familiar e íntimo que nenhum judeu ousaria usá-lo para Deus. Tal emprego, feito por Jesus, impressionou de tal forma os discípulos que eles não traduziram a expressão para o grego.

Com exceção da oração de Mateus 27.46, que seguiu a forma do Sl 22.1, em todas as suas orações Jesus dirigiu-se a Deus como Abba,<sup>67</sup> como a mesma simplicidade e confiança com que uma criança se dirigia ao seu pai.<sup>68</sup>

Isso implica afirmar que Jesus tinha plena consciência de ser, de modo único e singular, o Filho de Deus (Mt 11.27; Mc 13.32; 14.36). Quando a Igreja professou a sua fé na filiação divina de Jesus, o fez respaldada pelo próprio testemunho de Jesus, de ser o Filho de Deus. O que para os ouvintes foi uma novidade, a afirmação da sua filiação divina por ocasião do batismo, para ele foi apenas o testemunho público daquilo que ele sempre soubera.

Paulo fala que nós, os crentes em Cristo, recebemos o Espírito de ousada confiança em Deus que nos leva, na certeza de nossa filiação divina, a clamar "Aba, Pai" (Rm 8.15). O fato de Paulo usar a mesma expressão de Cristo para nós "significa que, quando Jesus deu a Oração Dominical aos seus discípulos, também lhes deu autoridade para segui-lo em se dirigirem a Deus como 'abba,' dando-lhes, assim, uma participação na sua condição de Filho."<sup>69</sup>

O que nos enche de alegria e mostra a nossa relação íntima com Deus é o fato de em Cristo, pelo Espírito, podermos nos dirigir ao Pai como filhos adotivos de Deus, usando da mesma expressão empregada por Cristo.

Quando oramos, sabemos que estamos falando com o nosso Pai. Desta forma, a oração é uma prerrogativa dos que estão em Cristo. Somente os que estão em Cristo pela fé têm a Deus como o seu legítimo Pai (Jo 1.12; Rm 8.14-17; Gl. 4.6; 1 Jo 3.1-2). De onde se segue que esta oração, apesar de não mencionar explicitamente o nome de Cristo, é feita em seu nome, visto que somos filhos de Deus — e é nesta condição que nos dirigimos a Deus —, através de Cristo Jesus (Gl 3.26).

O Espírito que em nós habita e nos leva à oração testemunha em nós que somos filhos de Deus. "O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus" (Rm 8.16). O Pai Nosso é a "Oração dos Filhos."

Orar ao Pai não significa simplesmente usar o seu nome, mas sim dirigir-nos de fato a ele conforme os seus preceitos, em submissão à sua vontade. Uma oração francamente oposta aos ensinamentos de Jesus não pode ser considerada de fato uma oração dirigida ao Pai, por mais que usemos e repitamos o nome de Jesus.

O problema dentro do contexto vivido por Jesus é que muitos dos judeus, na realidade, ofereciam as suas orações aos homens, mesmo usando o nome de Deus. Usar o nome de Deus não é garantia de estarmos nos dirigindo a ele. Do mesmo modo, podemos estar tão preocupados com a forma de nossas orações que nos esquecemos do Pai. É a ele que a nossa oração é destinada; portanto, cabe a ele, que vê em secreto, julgá-la. A nossa oração não necessita ter publicidade para que Deus a ouça; ele vê em secreto e nos

recompensa conforme o que vê (Mt 6.6).

Dietrich Bonhoeffer (1906-1945) comenta:

Uma criança aprende a falar porque seu pai fala com ela. Ela aprende a falar a língua paterna. Assim também nós aprendemos a falar com Deus, porque Deus falou e fala conosco. Pela palavra do Pai no céu seus filhos aprendem a comunicar-se com ele. Ao repetir as próprias palavras de Deus, começamos a orar a ele. Não oramos com a linguagem errada e confusa de nosso coração, mas pela palavra clara e pura que Deus falou a nós por meio de Jesus Cristo, devemos falar com Deus, e ele nos ouvirá.<sup>70</sup>

Orar é exercitar a nossa confiança na providência de Deus, sabendo que nada nos faltará, porque ele é o nosso Pai. A oração tem sempre uma conotação de submissão confiante. Portanto, orar ao Pai, significa sintonizar a nossa vontade com a dele; sabendo que ele é santo e a sua vontade também o é (Mt 6.9-10).

## 2. Sincera (Mt 6.5-6)

Os judeus tinham as suas horas certas de oração. Muitos cumpriam esses horários com coração sincero. Contudo, outros se dirigiam à sinagoga ou ao Templo, procurando estar justamente nesses horários nas praças ou ruas de grande movimento, onde passavam pessoas em todas as direções, a fim de que quando chegasse a hora de oração, eles pudessem parar onde estavam e comessem a recitar as suas preces em voz alta, como se não tivesse dado tempo de chegar à sinagoga. Vendiam a imagem de grande piedade e consagração, sendo respeitados por todos aqueles que não conseguiam interpretar corretamente as suas motivações.

Jesus faz referência a esses homens que queriam ser considerados como consagrados e santos, mas que na realidade eram "hipócritas" (atores, intérpretes), que gostavam de ser vistos, admirados e reverenciados. A palavra usada por Jesus em Mt 6.5 para "praça" é *plateia* = "estrada larga", "rua", "caminho" (ver Lc 14.21; At 5.15).

Jesus não estava condenando a oração pública, nem a oração individual feita em lugar público. Jesus recriminava as orações privadas (mais íntimas), feitas em lugares públicos, as quais tinham motivações não dignas, pois objetivavam ter uma platéia para que pudesse ouvi-las e aplaudir aqueles "homens consagrados." Portanto, a questão aqui não é propriamente o lugar, mas sim a sinceridade do coração do suplicante.

O apóstolo Paulo adverte a Timóteo quanto aos homens que surgiriam nos últimos dias, dizendo: "...tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes" (2 Tm 3.5).

Se ainda não aprendemos, devemos fazê-lo: diante do fato de que estamos falando com o nosso Pai, todas as coisas prioritárias transformam-se naturalmente em secundárias.<sup>71</sup>

Jesus diz que tais homens que procedem hipocritamente logo recebem a sua recompensa, visto que haviam conseguido aquilo que queriam: ser vistos e admirados pelos homens. O verbo traduzido (Mt 6.2,5,16) por "receberam" (*apechō*) é usado no grego técnico em recibos, indicando a quitação da dívida, que o pagamento foi plenamente realizado, podendo ser de impostos, da compra de escravos, de aluguéis, etc.<sup>72</sup>

Talvez hoje sejamos tentados a dizer para nós mesmos: desse tipo de pecado estou livre; eu não tenho esse hábito. Contudo, é bom um pouco mais de cautela quanto a este ponto. Há muitas formas sutis de cometermos os mesmos erros,<sup>73</sup> como, por exemplo, dando a impressão de que passamos muito tempo orando (Mt 6.16-18), ou quando entramos em nosso quarto para orar e ficamos pensando naqueles que estão lá fora e o que eles estão pensando a nosso respeito, como eles interpretam a nossa "espiritualidade." Dessa forma, é preciso que tenhamos cuidado para que não sejamos apanhados pela sutileza de nossos pecados, pela engenhosidade de nossas mentes.

Agostinho, comentando Mateus 6.6, diz:

Não basta entrar no quarto. Se a porta ficar aberta aos importúnios, ela dá entrada às futilidades exteriores que vêm perturbar nosso recolhimento. Dissemos que vêm de fora para significar as realidades passageiras e sensíveis que penetram pela porta, isto é, pelos nossos sentidos corporais, pois uma multidão de vãs imagens perturbam nossa oração. Em conseqüência, é preciso fechar a porta: resistir às solicitações dos sentidos corporais, para que uma oração toda espiritual se dirija ao Pai. Oração essa feita no íntimo do coração, onde em segredo [oramos] ao Pai.<sup>74</sup>

Por outro lado, quando a nossa oração é de fato dirigida sinceramente ao nosso Pai celeste, ele que conhece os nossos corações nos recompensará (Mt 6.6). Todas as vezes que as nossas orações, por mais emocionantes que sejam, não estiverem acompanhadas de um sentimento adequado de indignidade e reverência para com Deus, estaremos pecando contra Deus.<sup>75</sup> Lembrem-nos de que "sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito não o desprezará, ó Deus" (Sl 51.17 / 1 Sm 16.7).

### 3. Objetiva (Mt 6.6-8)

Jesus também nos ensina a não usarmos em nossas orações de "vãs repetições" (ARA; ACR; BJ), "palavras vãs" (ARC). A palavra usada por Cristo (*battalogeō*), que só ocorre aqui, parece ser onomatopéica, significando "falar sem sentido", "balbuciar", "repetir palavras ou sons inarticulados", "falar sem pensar", "falar futilmente", "gaguejar", "dizer sempre a mesma coisa", "tagarelar", "fazer uma repetição supérflua e exagerada", "repetir uma fórmula muitas vezes,"<sup>76</sup> etc. Tyndale traduz: "Não tagareleis demais"; Knox: "Não useis muitas frases"; a Velha Versão Siríaca: "Não digais coisas ociosas."<sup>77</sup>

John Stott, comentando o sentido do verbo, diz: "A maioria a considera como uma expressão onomatopéica, o som da palavra indicando o seu significado. Assim, *batarizō* significa gaguejar; e qualquer estrangeiro cuja língua parecesse aos ouvidos gregos como uma interminável repetição da sílaba 'bar' era chamado de *barbaros*, um bárbaro."<sup>78</sup> Broadus acrescenta: "É possível que como um gago repete muitas vezes a mesma palavra, a palavra grega viesse a ser usada para exprimir as vãs repetições em geral."<sup>79</sup>

A referência de Jesus é direta e intencional aos gentios: "E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios..." (Mt 6.7). Os pagãos criam que as repetições contribuíam para pressionar os seus deuses a conceder-lhes favores. Ao que parece, foi essa crença que estimulou os profetas de baal a permanecerem durante horas orando ao seu deus sem serem respondidos (ver 1 Rs 18). Do mesmo modo, os efésios, indignados com a pregação cristã, gritaram por quase duas horas: "Grande é a Diana dos efésios!" (At 19.34). De modo semelhante procedem os católicos romanos com suas repetições do "Pai

Nosso" e "ave-maria."<sup>80</sup>

Havia também entre os gentios o costume de usar de repetições intermináveis com o objetivo de informar os seus deuses da sua situação, "atualizar" os seus deuses.<sup>81</sup>

Esse era o quadro religioso entre os pagãos, inclusive nos dias de Jesus Cristo. Que tipo de "Deus" era esse em que os povos criam, que precisava ser informado ou que ficava hesitante, precisando ser convencido a agir pela insistência dos homens?!

No entanto, a alusão aos gentios não se configura como exclusiva. Entre os judeus, alguns escribas gostavam de fazer longas orações para poder se engrandecer e esconder a sua impiedade. Jesus Cristo nos advertiu quanto a isso (Mc 12. 38-40).

Biblicamente aprendemos que "a finalidade da oração é expressar a Deus nosso reconhecimento de que Ele sabe o de que temos necessidade."<sup>82</sup> Não precisamos ficar com repetições gaguejantes e intermináveis, porque Deus sabe do que necessitamos. A Bíblia, mesmo sem considerar as orações breves como as únicas corretas, nos apresenta uma série de exemplos de orações que se expressam em poucas palavras (ver Ex 32.31-32; 1 Rs 3.6-9; 18.36-37; 2 Rs 19.14-19; 1 Cr 4.10; Pv 30.7-9; Mt 23.14; Lc 5.8; 18.13; 23.42; At 7.60; Ef 3.14-19).

É lógico que as nossas orações não devem ser avaliadas por sua "extensão." Se as "longas orações" não são sinônimo de piedade, do mesmo modo, a sua "brevidade" não indica necessariamente a nossa fé. O que realmente importa aqui é que as nossas orações sejam feitas ao Pai, com sinceridade, com objetividade, tendo como elemento norteador as promessas de Deus.<sup>83</sup>

A Palavra de Deus é o manual de nossas orações: "Toda a Palavra de Deus é útil para nos dirigir na oração."<sup>84</sup> Devemos ser guiados não pelos nossos pensamentos ou por aquilo que julgamos que Deus deveria nos conceder, mas sim por tudo aquilo que Deus nos promete. "As promessas de Deus contêm a matéria da oração e definem as suas dimensões. Aquilo que Deus tem prometido, tudo quanto Ele tem prometido, e nada mais, sobre isso podemos orar."<sup>85</sup>

A oração é um atestado da consciência de nossa fragilidade acompanhada da certeza do poder de Deus. "Orar não é tanto um ato, mas uma atitude — atitude de dependência de Deus. Orar é fazer confissão de nossa fraqueza, como criaturas que somos, de nossa total incapacidade. Orar é reconhecer nossa necessidade e expô-la."<sup>86</sup>

Um outro aspecto é que a nossa oratória constituída de grandes recursos lingüísticos e frases bem montadas nada tem a ver com a oração. Comentando o Salmo 17, Calvino acentua: "...quando nos apresentarmos diante de Deus em oração, não devemos fazer isso com os ornamentos e os artifícios da eloquência, pois a retórica mais excelente e a graça mais atraente que porventura possuamos diante dele consistem na mais pura simplicidade."<sup>87</sup>

#### 4. Reverente (Mt 6.9)

No verso 9, Jesus apresenta um forte contraste com a prática condenada, como que dizendo: "*Vós, porém, como meus discípulos, deveis orar assim...*"<sup>88</sup> Jesus, então, ensina os seus discípulos a iniciar a oração meditando na glória de Deus. Essa lição

aparentemente simples, na prática nos parece dura e disciplinadora. Procuramos Deus nos limites de nossas forças, confessando de forma contundente a nossa limitação. No entanto, Jesus Cristo nos desafia a esquecer as nossas questões, os nossos problemas, e a dirigir os nossos olhos para a glória de Deus.<sup>89</sup>

Jesus quer nos educar de tal forma que tenhamos em tudo, a começar pela oração, o senso de prioridade e de urgência, já que o imperativo aoristo indica isto.<sup>90</sup> Ele nos mostra que por mais sérios e graves que sejam os nossos problemas e preocupações, Deus deve ter a primazia. "Somente quando se dá a Deus seu lugar próprio tudo o mais passa a ocupar o lugar que lhe corresponde."<sup>91</sup> Nessa oração, encontramos uma demonstração prática do ensino de Jesus: "Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas" (Mt 6.33). Portanto, se quisermos ser abençoados por Deus, precisamos aprender a orar conforme os seus preceitos.<sup>92</sup>

Neste ensinamento há outro ponto que deve se realçar: quando oramos, estamos falando com o nosso Pai. Todavia, também devemos ter em mente que Deus é um Pai Santo, que deve ser reverenciado e adorado. Jesus Cristo, na oração sacerdotal, assim se refere ao Pai: "Pai Santo" (Jo 17.11). "Deus é nosso Pai que está nos céus, e nele se combinam o amor e a santidade," interpreta corretamente Barclay.<sup>93</sup>

É impossível louvar a Deus sem que sejamos tomados de um reverente temor diante da sua grandeza (Sl 111.10). O alto privilégio que temos de nos relacionar com Deus através de Jesus Cristo deve estar sempre associado à visão da grandeza de Deus, que nos conduz ao seu serviço com santo temor (Hb 12.28-29).

Davi inicia o Salmo 25 dizendo: "A ti, Senhor, elevo a minha alma" (Sl 25.1). O salmista sabe a quem se dirige, daí ele falar em elevar a sua alma. Deus é santo e soberano; a oração tem sempre o sentido de enlevo espiritual ainda que seja de confissão de pecados... Falar com Deus é sempre um ato de elevar a nossa alma

Algumas pessoas, com uma idéia equivocada de "intimidade com Deus," pensam que podem aproximar-se dele de qualquer maneira, tratá-lo como a um igual ou em muitos casos, até mesmo como a um ser inferior a quem fazem verdadeiras imposições em suas "orações." Ao contrário disso, a Palavra de Deus nos ensina que a nossa proximidade de Deus, antes de nos conduzir a uma suposta intimidade equivocada com ele, dá-nos a perfeita dimensão da sua gloriosa santidade e que, portanto, devemos nos aproximar dele em adoração e respeito. Os "íntimos" de Deus são aqueles que o temem e lhe obedecem! (Sl 25.14).

Considerando isto, Jesus, o Deus encarnado, nos ensina a começar as nossas orações reconhecendo quem é Deus, proclamando a sua gloriosa santidade!: "Santificado seja o teu nome" (Mt 5.9; Is 29.23; Ez 36.23). No entanto, devido à nossa limitação no cumprir esse ato de glorificação de forma adequada, rogamos que Deus mesmo santifique o seu nome e implante o seu reino.

Jesus declara a santidade do nome de Deus. O que significa isto? É necessário que entendamos que, no mundo judeu, o nome significa a própria pessoa; por isso, falar no nome de Deus é falar no próprio Deus: a sua natureza e caráter. O nome de Deus é a sua própria natureza. O nome envolve tudo quanto nos foi revelado a seu respeito: todos os seus atributos e todas as suas obras. Declarar a santidade de Deus significa proclamar que o seu ser, a sua Palavra e as suas obras são santos. O nome de Deus está

relacionado à sua revelação; Jesus revelou (*faneroō*) = "tornar claro", "manifestar", "fazer conhecido") o nome do Pai (Jo 17.6). Por outro lado, a santificação do seu nome pressupõe o conhecimento daquele a quem o nome representa, ou seja, conhecer experimentalmente a Deus (Sl 9.10 / Sl 20.7).

Nesta oração Jesus enfoca a honra de Deus entre os homens. Quando oramos estamos desejosos de que o caráter santo e bondoso de Deus seja reconhecido e respeitado entre os homens, como já sucede nos céus.

Quando oramos, somos convidados a meditar naquilo que Deus é e tem feito. Ao dizermos "santificado seja o teu nome," estamos convidando todos os homens a reverenciarem a Deus, reconhecendo sua santidade (Sl 34.3; 66.1-2).

A nossa oração deve ser sempre um ato de glorificação a Deus. Nós o glorificamos quando reconhecemos quem é Deus e, pelo Espírito, nos dispomos a cumprir a sua vontade, proclamando a sua majestade e glória reveladas no seu nome (Jo 17.4,6).

O *Catecismo de Heidelberg* (1563) responde a pergunta 122 ("Qual é a primeira petição?") da seguinte maneira:

"Santificado seja o teu nome." Isto é: Ajuda-nos primeiro que tudo, a conhecer-te, glorificar-te e louvar-te e todas as tuas obras, pelas quais brilham o teu poder onipotente, a tua sabedoria, bondade, justiça, misericórdia e verdade. E de tal modo disciplina toda a nossa vida, no que diz respeito a pensamento, palavras e obras, que teu nome nunca seja blasfemado por nossa causa, mas seja sempre honrado e louvado.

##### 5. Submissa (Mt 6.10)

A oração não é uma tentativa de mudar a vontade de Deus, mas sim a manifestação sincera do nosso desejo de submeter-lhe os nossos projetos, aspirações, sonhos e necessidades. Esta submissão não é algo simplesmente aprendido pela razão, embora mesmo racionalmente tenhamos argumentos para assim proceder, pelo fato de sabermos que Deus é sábio, bondoso e onisciente. "Somente o Espírito pode capacitar-nos a subordinar todos os nossos desejos à glória divina."<sup>94</sup> A submissão a Deus é um aprendizado da fé, através de nossa comunhão com ele.

Quando pedimos que Deus faça a sua vontade, nós o fazemos não resignadamente, como se não houvesse outro jeito, ou como se Deus fosse o nosso inimigo que nos venceu e que agora só nos resta submeter-nos humildemente... Não! A nossa oração é feita com amor e confiança, certos de que a vontade de Deus é sempre a melhor, de que ela sempre é boa, agradável e perfeita (Rm 12.2); por isso, temos prazer em cumpri-la, conforme bem expressaram Davi e Paulo, respectivamente (Sl 40.8; Ef 6.6).

Ao orarmos sinceramente, conforme nos ensinam as Escrituras, estamos submetendo a nossa vontade a Deus. Isso significa que não pretendemos ensinar a Deus, nem mudar a sua vontade; antes, nos colocamos diante dele dizendo: eu creio que a tua vontade é a melhor para a minha vida, cumpre em mim todo o teu propósito. Orar é entregar confiantemente o nosso futuro a Deus a fim de que ele concretize sua eterna e santa vontade em nós. A oração revela o nosso desejo de que a vontade de Deus se realize.

A Oração do Senhor nos ensina a pedir a Deus que realize a sua vontade aqui na terra como é feita no céu. Oramos para que a vida na terra se aproxime o máximo possível da do céu, onde os anjos cumprem perfeitamente a vontade de Deus (Sl 103.21).

A vinda do reino (Mt 6.10) é o resultado lógico do cumprimento da vontade de Deus. Quando assim oramos, estamos seguros de que Deus age sempre em: a) *sabedoria*: por isso confiamos nos seus propósitos; b) *poder*: sabemos que ele é poderoso para cumprir perfeita e totalmente os seus propósitos; c) *fideliidade*: Deus é fiel a si mesmo e por isso se revela fiel a nós através de suas promessas; d) *amor*: a sua vontade é sempre amorosa; o amor de Deus se sacrifica pelo seu povo.

Finalizando a análise deste princípio, devemos mencionar um outro: a *submissão*. A submissão deve reger as nossas orações. Vemos essa atitude plenamente exemplificada em Cristo, na oração que proferiu próximo ao seu martírio: "Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres" (Mt 26.39). O ministério terreno de Cristo foi uma manifestação constante da sua obediência desde a sua encarnação, passando por todos os desafios inerentes à sua missão, até a sua auto-entrega na cruz em favor do seu povo (ver Fp 2.5-8; Hb 5.8).

## 6. Confessante (Mt 6.12)

Ao orarmos reconhecendo a glória de Deus, a honra que devemos tributar à sua pessoa, somos conduzidos naturalmente a olhar para nós mesmos; e neste ato temos uma nítida visão do nosso pecado. Essa foi a experiência de Isaías diante da majestosa visão de Deus (ver Is 6.1-5).

A contemplação da majestade de Deus e o reconhecimento do nosso pecado nos levam a confessá-lo a Deus, rogando-lhe perdão. E o fato é que todos nós somos pecadores (1 Jo 1.9). O perdão de Deus é o princípio fundamental para o nosso relacionamento com ele. Sem o seu perdão, como poderemos orar? Por isso, precisamos iniciar com o perdão; todos nós carecemos da consciência do perdão de Deus.

Na Oração do "Pai Nosso," a palavra empregada para "*dívida*" refere-se a uma dívida pendente que precisa ser paga e ao mesmo tempo assinala que não dispomos de recursos para fazê-lo. Calvino comenta o emprego desse termo em referência aos nossos pecados, dizendo:

Aos pecados, porém, Cristo designa de dívidas, porque lhes devemos a pena, nem poderíamos de qualquer modo satisfazê-la, a menos que fôssemos desobrigados por esta remissão, que é um perdão de Sua gratuita misericórdia, quando Ele próprio generosamente expunge estas dívidas, nenhum pagamento de nós recebendo; pelo contrário, de Sua própria misericórdia a Si satisfazendo em Cristo, Que a Si Mesmo Se entregou, uma vez em compensação (Rm 3.24).<sup>95</sup>

Esta oração contém em si uma confissão expressa do nosso endividamento para com Deus e a nossa incapacidade de "saldar" a dívida.

## 7. Suplicante (Mt 6.10-13)

Uma das coisas que mais fazemos, quando oramos, é pedir, rogar, suplicar algo a Deus. De fato, orar é abrir o nosso coração a Jesus, expondo-lhe nossas carências, angustias,

temores, frustrações, projetos... Sabemos, contudo, que orar não é apenas pedir, mas também interceder, agradecer, louvar, confessar e adorar. Todavia, a súplica é-nos ensinada na Palavra de Deus e nós também a encontramos na oração do "Pai Nosso," além de adoração e confissão.

Na súplica devemos ter sempre patente em nossos corações as promessas de Deus: tudo quanto Deus prometeu deve ser o alvo de nossas petições; nem mais nem menos.<sup>96</sup>

No exercício da oração somos educados a moderar os nossos desejos, visto que os colocamos diante do Deus Santo. O sentido é o seguinte: temos uma relação filial de confiança com o nosso Deus, expomo-lhe a consciência de nossas carências. Todavia, como bem sabemos, nos dirigimos ao Senhor da glória, a quem fica bem o reverente temor e adoração. Deste modo, somos estimulados a santificar os nossos desejos, rogando a Deus que eduque a nossa mente, as nossas emoções e a nossa vontade. Somente assim, poderemos orar: "seja feita a tua vontade."

conclusão: o objetivo divino nos meios de graça e nossa responsabilidade

Devemos usar de todos os meios que Deus nos fornece para o nosso aperfeiçoamento. Daí, as recomendações bíblicas para que crescamos, desenvolvamos a nossa fé (Fp 2.12b-13; 1 Ts 4.1,10; 1 Pe 2.2; 2 Pe 3.18).

Aqui, também, subjaz a importância da nossa atividade em nossa santificação: Deus nos oferece todos os recursos para o nosso crescimento, dá-nos uma nova disposição e requer o uso consciente, responsável e submisso do que ele nos tem oferecido (ver Rm 12.1-3; Gl 5.13-16, 25,26; Hb 12.14; 1 Pe 1.13-15; 2 Pe 1.3-11). "A palavra [santo] implica tanto devoção quanto assimilação. Devoção no sentido de viver uma vida de serviço a Deus; assimilação, no sentido de imitação, conformidade e serviço da forma como o próprio Deus serve."<sup>97</sup>

É o Espírito quem nos conduz à conformidade da imagem de Cristo, que é o nosso modelo por excelência, a meta definitiva de todo o povo de Deus. "Aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos" (Rm 8.29). Portanto, "ninguém pode ser herdeiro do reino celestial sem que antes seja conformado ao Filho Unigênito de Deus."<sup>98</sup>

A Palavra de Deus é o alimento fundamental que Deus nos oferece para que possamos crescer em nossa fé, permanecendo firmes contra todas as ciladas do maligno, bem como em todas as perseguições.

Jesus, explicando a "Parábola do Semeador," diz: "A que caiu na boa terra são os que, tendo ouvido de bom e reto coração, retêm a palavra; estes frutificam com perseverança" (Lc 8.15).

Aqui aprendemos que a Palavra de Deus produz frutos que permanecem. A vida cristã é produtiva espiritualmente e também é resistente em sua fé. A Palavra de Deus foi escrita para nos ensinar a respeito de Deus e para que assim conhecendo-o, possamos perseverar em meio às tribulações (Rm 15.4).

Se realmente quisermos perseverar firmes na fé, precisamos fazer da Bíblia o nosso



alimento cotidiano. Nela temos a palavra perseverante e consoladora de Deus, tendo também a resposta para todas as nossas necessidades.

A nossa perseverança está ligada à prática da Palavra de Deus. No Apocalipse, o anjo diz àqueles que suportaram intensa perseguição: "Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus Cristo" (Ap 14.12; ver Ap 13.10).

Pedro declara que Deus nos deu todas as coisas para o nosso crescimento espiritual, sendo, por isso mesmo, nossa responsabilidade nos esforçarmos, usando os recursos de Deus, para fazer a sua vontade e não tornar vã a sua graça a nós manifesta (1 Co 15.10; 2 Co 6.1). "Deus nos tem munido com mais de uma espécie de auxílio, desde que não sejamos indolentes em fazer uso do que nos é oferecido."<sup>99</sup> Devemos, portanto, associar-nos à graça de Deus no aperfeiçoamento de nossa salvação (2 Pe 1.3-8).

Pedro, por considerar este ponto de extrema relevância, insiste em nossa responsabilidade de assim proceder, agindo com diligência: "Por isso, irmãos, procurai, com diligência (*spoudazo* = "ser zeloso", "fazer todo o esforço possível") cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição; porquanto, procedendo assim, não tropeçareis em tempo algum" (2 Pe 1.10). Portanto, podemos perceber que o segredo da vida cristã, a sua segurança, não está na inatividade, mas sim em constante trabalho de desenvolvimento de nossa fé, sabendo que desta maneira jamais tropeçaremos de modo definitivo.

Deus exige de nós, os crentes, "o uso diligente de todos os meios exteriores pelos quais Cristo nos comunica as bênçãos da salvação"<sup>100</sup> e que não negligenciem os "meios de preservação."<sup>101</sup> Portanto, não deixemos de ler e meditar na Palavra de Deus, esforçando-nos por vivenciá-la; cultivemos a prática sincera e submissa da oração, participemos conscientemente do culto e da Mesa do Senhor.

---

\* O autor é ministro presbiteriano, tem o grau de Mestre em Teologia e História pela Universidade Metodista de São Paulo (1999) e está cursando o programa de Doutorado em Ciências da Religião na mesma universidade. É professor de teologia, filosofia e metodologia da pesquisa no Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição, em São Paulo.

<sup>1</sup> Ver D.M. Lloyd-Jones, *As Insondáveis Riquezas de Cristo* (São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1992), 254, e J.C. Ryle, *Santificação* (São José dos Campos, SP: Fiel, 1987), 39.

<sup>2</sup> Ver Herman Hoeksema, *Reformed Dogmatics*, 3ª ed. (Grand Rapids: Reformed Publishing Association, 1976), 632-634.

<sup>3</sup> Ver também *Catecismo Maior de Westminster*, perg. 154.

<sup>4</sup> Louis Berkhof, *Teologia Sistemática* (Campinas: Luz Para o Caminho, 1990), 613.

<sup>5</sup> *Ibid.*, 609.

<sup>6</sup> Charles Hodge, *Systematic Theology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1976, reimpressão),

Vol. III, 466. Em outro lugar: "Os meios de graça são (...) aqueles que Deus ordenou com o objetivo de comunicar as influências vivificadoras e santificadoras do Espírito às almas dos homens." (Hodge, *Systematic Theology*, Vol. III, 708). Ver também, Hoeksema, *Reformed Dogmatics*, 634.

<sup>7</sup> J.I. Packer, *O Conhecimento de Deus* (São Paulo: Mundo Cristão, 1980), 15.

<sup>8</sup> *Catecismo Maior de Westminster*, perg. 155.

<sup>9</sup> *Ibid.*, perg. 157.

<sup>10</sup> *Apud* J.H. Merle D'Aubigné, *História da Reforma do Décimo-Sexto Século* (São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, (s.d.)), Vol. III, p. 64. Ver também João Calvino, *As Institutas*, I.9.1-3.

<sup>11</sup> James Atkinson, *Lutero y el Nacimiento del Protestantismo*, 2ª ed. (Madri: Alianza Editorial, 1987), 254.

<sup>12</sup> D'Aubigné, *História da Reforma do Décimo-Sexto Século*, III, 71.

<sup>13</sup> Martinho Lutero, "Uma Prédica Para que se Mandem os Filhos à Escola (1530)," em *Martinho Lutero: Obras Seleccionadas* (São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1995), Vol. 5, p. 334.

<sup>14</sup> João Calvino, *O Livro dos Salmos* (São Paulo: Paracletos, 1999), Vol. 1 (SI 25.14), p. 558.

<sup>15</sup> Hendrikus Berkhof, *La Doctrina del Espíritu Santo* (Buenos Aires: Junta de Publicaciones de las Iglesias Reformadas/Editorial La Aurora, 1969), 80. Do mesmo modo, A.A. Hoekema, *Salvos pela Graça* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1997), 37.

<sup>16</sup> J. Calvino, "Breve Tratado Sobre La Santa Cena," em *Tratados Breves* (Buenos Aires/México: La Aurora/Casa Unida de Publicaciones, 1959), 9.

<sup>17</sup> *Apud* Philipp J. Spener, *Pia Desideria* (São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985), 50.

<sup>18</sup> Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1 (SI 1.2), p. 53.

<sup>19</sup> Charles Hodge, *O Caminho da Vida* (Nova York: Sociedade Americana de Tractados, s.d.), 294.

<sup>20</sup> Hans W. Wolff, *Antropologia do Antigo Testamento*, 2ª ed. (São Paulo: Loyola 1983), 66.

<sup>21</sup> Walther Eichrodt, *Teologia Del Antiguo Testamento* (Madri: Ediciones Cristiandad, 1975), Vol. II, p. 150.

<sup>22</sup> B.O. Banwell, "Coração," em J.D. Douglas, ed. org., *O Novo Dicionário da Bíblia*

(São Paulo: Junta Editorial Cristã, 1966), Vol. I, p. 322.

<sup>23</sup> Conforme expressão de Vorländer. (H. Vorländer, "Homem," em Colin Brown, ed. ger., *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 1981-1983), Vol. II, 376). "O 'coração do homem' representa, portanto, o mais íntimo centro que é de importância vital; aquilo que é básico, central, substantivo e de inescrutável essência." (J.M. Lower, "Heart," em Merrill C. Tenney, ed. ger., *The Zondervan Pictorial Encyclopaedia of the Bible*, 5ª ed. [Grand Rapids: Zondervan, 1982], Vol. III, 58]).

<sup>24</sup> Ver Anthony A. Hoekema, *Criados à Imagem de Deus* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999), 234.

<sup>25</sup> Ver C.F. Keil e F. Delitzsch, *Commentary on the Old Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, s.d.), Vol. 5 (SI 119.11), 246.

<sup>26</sup> A.W. Pink, *Deus é Soberano* (São Paulo: Fiel, 1977), 137.

<sup>27</sup> Calvino, *Institutas*, I.6.2. Ver também Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1 (SI 17.4), 332-33.

<sup>28</sup> Ver Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1 (SI 1), 49-50.

<sup>29</sup> D.M. Lloyd-Jones, *Pregação & Pregadores* (São Paulo: Fiel, 1984), 23.

<sup>30</sup> João Calvino, *Gálatas* (São Paulo: Paracletos, 1998), (GI 4.26), 144. Ver *Institutas*, IV.1.1.

<sup>31</sup> Ver Hermisten M.P. Costa, *Breve Teologia da Evangelização* (São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1996), *passim*.

<sup>32</sup> F.D. Bruner, *Teologia do Espírito Santo* (São Paulo: Vida Nova, 1983), 129.

<sup>33</sup> John R.W. Stott, *Crer é também Pensar* (São Paulo: ABU, 1984), 49.

<sup>34</sup> R.B. Kuiper, *El Cuerpo Glorioso de Cristo* (Grand Rapids: SLC, 1985), 221.

<sup>35</sup> *Catecismo Menor de Westminster*, perg. 98.

<sup>36</sup> Calvino, *Institutas*, I.12.1

<sup>37</sup> João Calvino, *O Livro dos Salmos* (São Paulo: Paracletos, 1999), Vol. 2 (SI 40.8), 228.

<sup>38</sup> Ver Calvino, *Institutas*, I.9.3.

<sup>39</sup> Calvino, *Institutas*, III.21.3.

<sup>40</sup> Calvino, *Institutas*, IV.17.36. Calvino diz que quem rejeita o "magistério do Espírito"

é desvairado (*Institutas*, I.9.1).

<sup>41</sup> Calvino, *Institutas*, III.1.4; III.2.34; IV.14.9.

<sup>42</sup> Agostinho, *Comentários aos Salmos* (São Paulo: Paulus, 1998), Vol. III, 12.

<sup>43</sup> Calvino, *Institutas*, III.20.34. Comentando o texto de Romanos 8.26, Calvino diz: "O Espírito, portanto, é Quem deve prescrever a forma de nossas orações." (J. Calvino, *Exposição de Romanos* (São Paulo: Paracletos, 1997), (Rm 8.26), 291). Ver J. Calvino, *O Catecismo de Genebra*, perg. 254.

<sup>44</sup> Edwin H. Palmer, *El Espiritu Santo* (Edimburgo: El Estandarte de la Verdad, (s.d.)), 190.

<sup>45</sup> Ver *Catecismo Maior de Westminster*, Perg. 182.

<sup>46</sup> Abraham Kuyper, *The Work of the Holy Spirit* (Chattanooga: AMG Publishers, 1995), 670.

<sup>47</sup> Calvino, *Catecismo de Genebra*, perg. 240.

<sup>48</sup> Calvino, *Catecismo de Genebra*, perg. 243.

<sup>49</sup> Philipp J. Spener, *Mudança para o Futuro: Pia Desideria* (Curitiba/São Bernardo do Campo: Encontro Editora/Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1996), 119.

<sup>50</sup> Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1 (Sl 1.2), 53. Ver também Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 2 (Sl 40.7), 227.

<sup>51</sup> James Hastings, *La Doctrina Cristiana de la Oración* (Buenos Aires), reproduzida da revista "La Reforma" (1920), 91.

<sup>52</sup> Ver J. Calvino, *Catecismo de Genebra*, perguntas 255 e 256; *Catecismo Menor de Westminster*, perg. 99.

<sup>53</sup> Calvino, *Institutas*, III.20.5.

<sup>54</sup> Hastings, *La Doctrina Cristiana de la Oración*, 92.

<sup>55</sup> Calvino, *Institutas*, III.20.34.

<sup>56</sup> Ver Calvino, *Institutas*, III.20.1.

<sup>57</sup> Packer, *O Conhecimento de Deus*, 194.

<sup>58</sup> E. Jenni, "Padre," em Ernst Jenni e C. Westermann, eds., *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento* (Madri: Ediciones Cristiandad, 1978), Vol. I, 36.

<sup>59</sup> J. Jeremias, *A Mensagem Central do Novo Testamento*, 2ª ed. (São Paulo: Paulinas,

1979), 12ss.

<sup>60</sup> Ver Jeremias, *A Mensagem Central do Novo Testamento*, 11-12; J. Jeremias, *O Pai-Nosso* (São Paulo: Paulinas, 1976), 33-34. A referência ao seu deus como "Pai," é um fenômeno comum na história das religiões, quer dos povos mais primitivos quer dos mais evoluídos culturalmente. (Ver G. Schrenk, "Pater," em G. Kittel e G. Friedrich, eds., *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1983, reimpressão), Vol. V, 951.

<sup>61</sup> Ver Jeremias, *A Mensagem Central do Novo Testamento*, 13.

<sup>62</sup> *Ibid.*, 20.

<sup>63</sup> Ver A. Richardson, *Introdução à Teologia do Novo Testamento* (São Paulo: ASTE, 1966), 149ss.

<sup>64</sup> Agostinho, *O Sermão da Montanha* (São Paulo: Paulinas, 1992), II.4, p. 115.

<sup>65</sup> Jeremias, *O Pai Nosso*, 36,37; O. Hofius, "Pai," em Colin Brown, ed. ger., *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, Vol. III, 382.

<sup>66</sup> Ver Hofius, "Pai," *Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, Vol. III, 382.

<sup>67</sup> Jeremias, *A Mensagem Central do Novo Testamento*, 20ss.

<sup>68</sup> Ver Jeremias, *O Pai Nosso*, 37. Ver também, G. Kittel, "Abba," em G. Kittel e G. Friedrich, eds., *Theological Dictionary of the New Testament*, Vol. I, 6.

<sup>69</sup> Hofius, "Pai," *Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, Vol. III, 383.

<sup>70</sup> Dietrich Bonhoeffer, *Orando com os Salmos* (Curitiba: Encontro Editora, 1995), 12-13.

<sup>71</sup> Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, 318.

<sup>72</sup> Ver William Barclay, *Palavras Chaves do Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 1988), 31-33.

<sup>73</sup> Como bem observou Agostinho, "o mal não é ser visto pelos homens, mas orar com o fim de ser visto por eles." (*O Sermão da Montanha*, II.1.3, p. 111).

<sup>74</sup> Agostinho, *Sermão da Montanha*, II.1.3, p. 112.

<sup>75</sup> Hodge, *Systematic Theology*, Vol. III, 701-702

<sup>76</sup> João Calvino, *Commentary on a Harmony of the Evangelists, Matthew, Mark, and Luke, Calvin's Commentaries*, Vol. XVI (Grand Rapids: Baker, 1981), 313.

<sup>77</sup> Essa palavra é constituída de (*battos* = “gago” e *logeo* = “falar”). Ela é de derivação incerta. Erasmo (1467-1536), por exemplo, entendia que essa expressão era proveniente de “Bato,” personagem gago descrito por Heródoto (Heródoto, *História*, IV.155. Ver “Battos,” em *A Lexicon Abridged from Liddell and Scott’s Greek-English Lexicon* (Londres: Clarendon Press, 1935), 128b). No entanto, Heródoto, que discorda dessa explicação para o nome do menino, diz que “batus significa rei na língua dos líbios.” (Heródoto, *História*, IV.155). Também especula-se que essa expressão viria por derivação de um poeta medíocre, Battus, que teria feito hinos extensos, cheios de repetições (ver A.B. Bruce, *The Gospel According to Matthew*, em W. Robertson Nicoll, ed., *The Expositor’s Greek Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1983) (reimpresso), Vol. I, 118-119; John R.W. Stott, *A Mensagem do Sermão da Montanha*, 3ª ed. (São Paulo: ABU, 1985), 146). O fato é que ninguém consegue precisar a origem da palavra. (Para maiores detalhes, ver G. Dellling, “Battalogo,” em G. Kittel e G. Friedrich, eds., *Theological Dictionary of the New Testament*, Vol. I, 597; “Battalogo,” em James Hope Moulton e George Mulligan, *The Vocabulary of the Greek New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), (reimpresso), 107; H. Balz, “Battalogo,” em Horst Balz e Gerhard Schneider, eds., *Exegetical Dictionary of New Testament*, (Grand Rapids: Eerdmans, 1978-1980), Vol. I, 209; “Battalogo,” em Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament*, 5ª ed. (Chicago: The Chicago Press, 1958), 137).

<sup>78</sup> Stott, *A Mensagem do Sermão da Montanha*, 146. Neste caso, a palavra não teria nenhuma derivação explícita, equivalendo apenas a uma imitação repetitiva de sons sem qualquer sentido (Ver *Alford’s Greek Testament*, 7ª ed. (Grand Rapids: Baker, 1874), (reimpresso em 1980), Vol. I, 58).

<sup>79</sup> John A. Broadus, *Comentário do Evangelho de Mateus*, 3ª ed. (Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1966), Vol. I, 199.

<sup>80</sup> Marvin R. Vincent, *Word Studies in the New Testament* (Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, s.d.), Vol. I (Mt 6.7), 43.

<sup>81</sup> Ver Agostinho, *Sermão da Montanha*, II.1.3. 113.

<sup>82</sup> Pink, *Deus é Soberano*, 128.

<sup>83</sup> Ver João Calvino, *Commentary on a Harmony of the Evangelists, Matthew, Mark, and Luke*, 314.

<sup>84</sup> *Catecismo Menor de Westminster*, perg. 99.

<sup>85</sup> A. W. Pink, *Enriquecendo-se com a Bíblia* (São Paulo: Fiel, 1979), 47.

<sup>86</sup> Pink, *Deus é Soberano*, 134.

<sup>87</sup> Calvino, *O Livro dos Salmos*, Vol. 1 (Sl 17.1), 327-328.

<sup>88</sup> Ver R.C.H. Lenski, *The Interpretation of St. Matthew’s Gospel* (Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1998), 263.

<sup>89</sup> Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, 344.

- <sup>90</sup> Ver A.T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament* (Grand Rapids: Baker, 1930), Vol. I, 52-53.
- <sup>91</sup> W. Barclay, *El Nuevo Testamento Comentado* (Buenos Aires: La Aurora, 1973), (Mateus I), Vol. I, 212.
- <sup>92</sup> Ver Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, 347.
- <sup>93</sup> Barclay, *El Nuevo Testamento Comentado*, (Mateus I), 217.
- <sup>94</sup> Pink, *Enriquecendo-se com a Bíblia*, 46.
- <sup>95</sup> Calvino, *Institutas*, III.20.45.
- <sup>96</sup> Ver Calvino, *Institutas*, III.20.2.
- <sup>97</sup> J.I. Packer, "O que é santidade e por que ela é importante?," em Bruce H. Wilkinson, ed. ger., *Vitória sobre a Tentação*, 2ª ed. (São Paulo: Mundo Cristão, 1999), 31.
- <sup>98</sup> Calvino, *Exposição de Romanos* (8.29), p. 296.
- <sup>99</sup> João Calvino, *Efésios* (São Paulo: Paracletos, 1998), (Ef 6.11), 188.
- <sup>100</sup> *Catecismo Menor de Westminster*, perg. 85.
- <sup>101</sup> *Confissão de Westminster*, XVII.3.